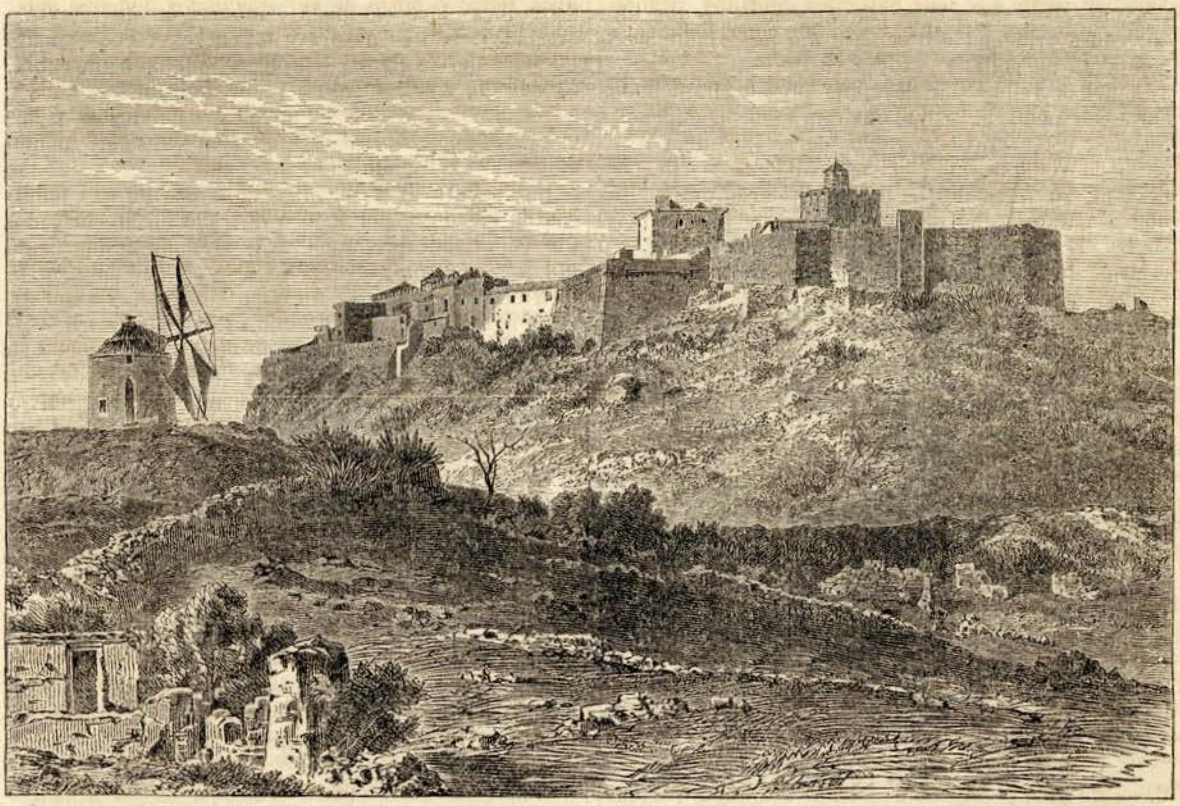


Castello de Palmella

Testimunha do esforçado valor do nosso primeiro rei; atalaya dos christãos da Estremadura contra os moiros do Alemtejo; cabeça, em fim, da illustre ordem de Santiago; o castello de Palmella campeia senhorilmente no cume de elevado monte.

Sentinella do tempo, tem visto sempre de pé nascerem os seculos, e sumirem-se na voragem do passado; assistindo, sem curvar a fronte, aos cataclismos que por mais de uma vez confundiram no pó das ruinas Lisboa, que de longe o contempla, e Setubal, que se assenta a seus pés.

Respeitado e temido outr'ora, hoje está esquecido e desprezado. Já não se coroam de lanças, nem reluzem com o resplendor dos elmos e dos escudos aquellas grossas e robustas muralhas, que o ardor do sol e o embate das tempestades tem tisnado e denegrido. O seu recinto, theatro de antigas proezas, logar de preces e orações, já não resôa com os gritos de guerra dos cavalleiros, nem com os hymnos religiosos dos freires.

Tudo alli é decadencia e solidão. Tudo está revelando como passam ligeiras as grandezas da terra; como é ephemero o poder dos homens; como se eclipsa a gloria que tanto nos encanta e seduz; como se convertem em fumo, que o vento leva e dissipa, essas vaidades e fortunas que nos embriagam e deslumbram!

Que importa que o tempo tenha poupado o antigo padrão historico? Que importa que o gigante que tem zombado da mão destruidora dos seculos, ainda lá esteja erguido sobre o seu altissimo throno de rochas escarpadas, ostentando acima das suas muralhas a velha torre de menagem com a sua coroa de ameias? Que importa tudo isso á vaidade dos nossos antepassados, ou ao orgulho d'esta geração, que d'elles descende, se o viajante que transpõe o portal da velha fortaleza, e lhe assoma ás torres, não procura mais do que saciar os olhos nos formosos e dilatados panoramas que d'alli relanceiam para qualquer parte que se voltem?

O monumento, pobre de arte e de belleza, só é rico de tradições historicas. Mas quem se lembrará de descobrir através dos muros carcomidos do castello e das negras paredes do convento, essas poeticas lendas da tomada da fortaleza por el-rei D. Affonso Henriques no anno de 1147; da sua perda pouco tempo depois; da restauração do poder dos sarracenos pelo mesmo soberano, no correr do anno de 1165; da doação á ordem militar de Santiago por el-rei D. Sancho I em 1186; da fundação do convento e da transferencia para elle do mestrado da mesma ordem por el-rei D. João I em 1423?

Quem se lembrará dos transes de alma que alli passou, e dos planos que concebeu o mestre de Santiago, D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho illegitimo del-rei D. João II, quando viu seu filho primogenito, o marquez de Torres Novas, que ao diante foi primeiro duque de Aveiro, preso no castello de S. Jorge de Lisboa, por se oppor ao consorcio do infante D. Fernando, irmão mais novo del-rei D. João III, com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva, marischal do reino, declarando e sustentando que se achava casado clandestinamente á face da egreja com esta rica herdeira? Quem se recordaria d'essa scena de que foi theatro o convento de Palmella, quando ahi veiu expressamente o duque de Coimbra para fazer pesar toda a influencia e poder da ordem de Santiago na balança dos destinos em favor de seu filho? Quem pensará em todo esse longo drama, occulto pela maior parte nas trevas do mysterio em que foram sacrificados aquelles desventurados amores; ao qual se prende outra historia de amores, não menos contra-

riados e desditosos [1]; drama em que se envolveu a diplomacia estrangeira, ora officialmente, ora por meio da intriga: drama, em fim, em que figuraram grandes interesses de nações poderosissimas, e que teve por causa principal e desenlace um importante acontecimento na politica européa [2]?

Aquellas velhas paredes, que presenciaram tantos successos notaveis, e que ouviram tantas confidencias intimas, e tão graves segredos de estado, nada revelarão ao viajante, que, afastando d'ellas a vista com desdem, só julga dignos da sua attenção os quadros que a natureza lhe offerece em dilatadissimos horisontes. E felizmente que ha alli com que distrahir o espirito do viajante das penosas considerações a que naturalmente o levarão o estado de abandono e de profanação, em que se acham no templo do convento as sepulturas de alguns mestres da ordem de Santiago.

Já que o nosso desleixo nos leva tão longe na falta de respeito para com os mortos, bom é que ninguem repare, ao visitar a egreja, em um tumulo que ahi se vê aberto e profanado, e do qual tem sido roubados muitos ossos. Pois é um tumulo real, e os despojos que encerra, o que resta de um principe, a quem el-rei seu pae desejou e diligenciou nomear seu successor ao throno, não obstante o defeito de bastardia. É o mausoléo de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, e mestre da ordem militar de Santiago!

Tanto na villa de Palmella, que se recosta no monte em que se ergue o castello, como na visinha cidade de Setubal, ha muita gente que possue reliquias do cadaver do principe, e não são poucos os estrangeiros que d'alli as tem levado como memorias archeologicas. Se assim continuar, virá tempo em que o cadaver do filho predilecto de D. João II, o rei de Portugal que mais pugnou e mais fez pelos direitos do povo, se achará espalhado por todo o mundo! Custa realmente a crer que se pratiquem taes actos, mas parece ainda mais incrivel que a auctoridade não tenha posto cobro a similhante vandalismo, que nos expõe perante as nações cultas como um povo selvagem!

A pag. 313 e 369 do vol. III encontrarão os nossos leitores algumas noticias historicas ácerca do castello e do convento, acompanhadas de duas gravuras, representando o interior da fortaleza e a frontaria da egreja. Quanto á vista que d'alli se desfructa, é mais extensa do que os olhos podem descobrir. De um lado patenteiam-se a villa de Palmella; o Tejo em muitas legoas do seu curso, com os diversos braços que estende para o sul e norte, e com as numerosas povoações que estão sentadas em ambas as suas margens, avultando Lisboa entre todas com os seus formosos arrabaldes; as serras de Cintra, de Bucellas, de Monte Junto, e outras de menor vulto; do outro lado, na raiz da montanha, está a cidade de Setubal, cercada de pomares, e mirando-se no amplissimo porto formado pelo Sado ao receber as aguas do mar; depois as vastas planicies por onde corre o Sado; mais longe cordilheiras de serras sem fim, e a immensidade do Oceano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Conclusão. Vid. pag. 151)

VI

Se as attenções do pastor vigilante e caritativo pareciam repartir-se no dobrado intuito de apparelhar de uma parte o pão do corpo e do espirito, aos que de ambos careciam para crescer em forças, até se tornarem membros prestaveis da republica; e de fornecer por outra aos inhabilitados com o peso dos annos ou das enfermidades o abrigo e conforto, que a sociedade lhes deve em justa remuneração dos serviços prestados; não se mostrava o seu zelo menos solicito no empenho de alentar e proteger, quanto n'elle cabia, os que em edade vigorosa se occupavam nos uteis e necessarios exercicios da lavoira, da industria e das artes. Suas providencias, tão bem pensadas quanto efficazes, abrangiam tudo e a todos.

Em janeiro de 1792 affixava-se nos logares publicos da cidade, e por todo o districto do arcebispado, um edital, que propunha vinte premios de cincoenta mil réis cada um, offerecidos pelo prelado para serem distribuidos em março do anno seguinte. Teriam direito a entrar na distribuição os lavradores e industriaes de ambos os sexos, que mais se distinguissem no concurso a que os chamava, exhibindo provas de maior progresso e aperfeiçoamento nos respectivos misteres. Como taes se consideravam, segundo o texto e letra do programma:

Os dois lavradores ou lavradoras que mostrassem haver plantado no decurso do anno corrente maior numero de tanchões, ou estacas de oliveiras, com tanto que excedessem a cincoenta, e que na plantação se guardassem as regras estabelecidas nos melhores processos agricolas;

Os que comprovassem haver feito maior sementeira de linho, passando esta de dez alqueires de linhaça;

O caixeiro que apresentasse mais perfeito conhecimento das regras da arithmetica, do negocio mercantil e da arrumação dos livros commerciaes, por partidas dobradas ou singelas;

O aprendiz fabricante de sedas que tecesse a melhor peça, quer na quantidade, quer na qualidade;

O aprendiz de sombreireiro que fabricasse o melhor chapeo;

O de tecelão que tecesse a melhor peça de toalha ou guardanapo;

O de cuteleiro que maior perfeição mostrasse em obras de sua arte;

O armeiro que tivesse construido a melhor arma;

O livreiro que apresentasse a melhor encadernação;

O carpinteiro que apresentasse a melhor e mais perfeita obra de marcenaria.

Para as mulheres destinavam-se oito premios, que seriam conferidos ás que primassem na fiação e tecido de linho e talagagens; nas obras de costura; de bordadura a oiro, prata ou seda; na manufactura de meias de agulha; e em obras de serigaria.

Eram condições essenciaes para obter a concessão dos premios certificados de pobreza e bons costumes; e deviam outrosim os oppositores mostrar-se comprehendidos em edade não excedente a vinte annos. Os artefactos seriam entregues até janeiro de 1793, para se proceder ao seu exame e comparação pelos professores a que o arcebispo nomeasse por mais aptos para similhante encargo.

Um facto caracteristico do tempo, e que nos custaria a crer se o não vissemos confirmado pelo testimunho do proprio prelado em uma das suas interessantes cartas, é que dos exemplares do edital que, como dissemos, se affixaram na cidade, a maior parte appareceram descompostos e dilacerados logo na manhã seguinte!... Não era a primeira vez que se repetia tão insultosa e grosseira malignidade. Mas seria acaso o povo que assim pretendia desacatar o seu bemfeitor e pae? Não, por certo. Estas e outras demonstrações acintosas provinham exclusivamente do animo rancoroso e aggressivo de alguns capitulares, e de outros individuos descontentes, que viam ferido o seu orgulho, e cortados os abusos e escandalos, á cuja sombra medravam, pelas justas providencias do prelado. Dando largas á maledicencia, tratavam de

[1] Del-rei D. João III e de sua madrasta a rainha, viuva, D. Leonor de Austria.

[2] O casamento de Francisco I de França com esta rainha D. Leonor, e o tratado feito em virtude d'este consorcio entre o soberano francez e o imperador Carlos V, irmão de D. Leonor.

desgostal-o por todos os meios possiveis, e esforçavam-se para desacreditai-o no conceito do publico, deprimindo as suas acções, e forjando contra elle satyras injuriosas e libellos infames, que clandestinamente espalhavam, taes como a chamada *Gazeta de Braga*, a *Quixotada*, e outros escriptos de egual jaez, de que ainda se conservam alguns transumptos para opprobrio eterno de quem os fabricou [1].

Porém, louvores á Providencia, taes esforços foram sempre impotentes para abalar, nem ainda levemente, a constancia imperturbavel do varão forte, ou para escurecer a fama que suas virtudes lhe tinham grangeado. As bençãos do povo soaram sempre mais alto que as maldições ultrajantes da calumnia. Seus mesmos inimigos, á frente dos quaes figurou por muito tempo o deão d'aquella sé, D. Luiz Antonio Furtado (que em 1832 falleceu, sendo prior-mór da ordem de Christo, e nomeado arcebispo para a mesma diocese), foram os primeiros que na sua morte fizeram justiça á santidade da sua vida, e ao seu irreprehensivel procedimento [2].

A iniciativa efficaz e generosa do arcebispo sortiu, pois, o effeito desejado. Recolheram-se os artefactos na epocha aprasada; e d'elles se fez exposição no edificio do recolhimento da Caridade. Os premios excederam ao promettido: foram distribuidos quatorze a homens e dez a mulheres, como outros tantos incentivos animadores do trabalho, destinados a combater a ociosidade, e a attenuar a miseria publica. A capital do Minho viu pela primeira vez inaugurada em seu seio a idéa civilisadora, cuja realisação, menos fecunda em resultados do que devêra sêl-o, só voltaria a repetir-se ao cabo de setenta annos!

Era D. Fr. Caetano Brandão por extremo zeloso observador dos deveres do seu ministerio, para que se circumscrevesse no desempenho d'elles ao ambito estreito da cidade onde tinha sua residencia habitual. Incançavel no desejo de conhecer e melhorar as necessidades do seu rebanho, saia todos os annos em visita pastoral pelas terras do arcebispado, obrigação de que seus ultimos predecessores se descuidaram havia bons quarenta annos, e tanto mais indispensavel de cumprir, quanto era certo existiam logares não pisados de arcebispo desde o tempo em que á egreja bracharense presidíra com tanta gloria o outro seu memoravel antecessor, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Treze foram, pois, as visitas que emprehendeu e executou durante a sua gerencia espiritual. E como as fazia elle? A pé, vestido como um simples ecclesiastico, e como sempre andava em Braga, quando visitava os pobres, os doentes, e os seus estabelecimentos predilectos, porque só se distinguia de um simples clerigo por sua magestosa e nobre figura, e pela cruz episcopal que trazia pendente ao peito.

Não podêmos, por honra sua, resistir ao desejo de transcrever o que, por occasião de uma d'estas visitas, nos conta uma testimunha ocular, e insuspeita de parcialidade.

«Eu o vi entrar no convento de Refoyos [3] a pé, acompanhado de dois padres que empregava em prégar quando se achava fatigado, de um criado que o servia, e de um moço que lhe trazia á mão um cavallinho que montava quando se sentia cançado. Foi recebido com todas as honras devidas á sua dignidade e pessoa, o que elle muito agradeceu. Depois de estar no convento pediu que queria ser tratado como um conego da casa; que queria ir ao refeitorio com a communidade, e que lhe não fizessem distincção alguma especial, porque a não acceitaria. Em summa, que em quanto alli estivesse não queria ser mais do que um simples morador d'aquella casa, que muito respeitava. E tanto respeito por ella mostrou, que pediu licença ao prior para alli chrismar, e elle e seus padres poderem prégar. Teve esta attenção, porque o convento, e duas freguezias a elle annexas, eram o que se chamava *Isento*, ou districto fóra da jurisdicção ecclesiastica do arcebispado de Braga, honra de que gozavam muitos antigos conventos das diversas ordens em Portugal.

«Em todos os dias que alli esteve chrismou e prégou, e confesso que nunca vi homem no pulpito mais eloquente, e de mais nobre presença. Os seus sermões eram todos de improviso; porém que eloquencia, que força de raciocinio, que clareza, que fogo não tinham as suas palavras? Eu, que nunca quiz prégar, e jámais gostei de sermões, sentia em mim ao ouvil-o alguma coisa que me arrebatava, e por muitas vezes figurava-se-me ouvir um apostolo prégando ás gentes; por exemplo, S. Paulo, prégando em Epheso ou Corintho!

«Foi muito familiar com todos, mas particularmente commigo, que havia sido seu ordinando; e conversando muitas vezes sobre as novidades do tempo, e as mais notaveis da revolução franceza, de que conhecia toda a marcha, porque tinha o *Correio da Europa*, dizia-me com toda a franqueza: «Sabe que mais? Sinto um certo prazer ao lembrar-me que os francezes entraram em Roma. (Era isto em 1798, quando o general Berthier, commandante das tropas francezas, alli entrava, e invocava a sombra de Bruto, que bem depressa lhe esqueceu!) Sim, Roma precisava de um grande castigo, porque d'ella tem saído grandes escandalos para a christandade! E ainda infelizmente elles duram, porque não cessa de levar para lá os bens dos pobres das egrejas catholicas, debaixo do nome de annatas, e de outros mais que não digo, e tudo isso para alli se gastar, sabe Deus como!»

«Este exemplar prelado era homem de grandes e variados conhecimentos, e d'elle já se imprimiram, creio, no antigo *Jornal de Coimbra*, algumas das viagens que fez no interior dos desertos do Pará, em tempo que alli foi bispo e os visitou. Fallando-me d'estas viagens, disse-me uma vez: «Ha de ter ouvido, ou lido nos philosophos e theologos, que não ha ninguem no mundo civilisado, ou selvagem, que não tenha idéa de Deus; mas eu digo-lhe e assevero-lhe que encontrei creaturas humanas que nenhuma idéa tinham de Deus, nem sabiam o que isso fosse!»

«Fallando-me a final dos conegos da sua sé, dissene ainda: «Bem poucos tenho que não comprassem as renuncias por grandes sommas de dinheiro: e esta escandalosa simonia não só é tolerada, se não approvada em Roma!... Quanto a mim, sempre lamento a annata ou a renda de um anno que para alli enviei, e que podia ter distribuido pelos pobresinhos do meu arcebispado.» A tudo o que dizia a respeito de Roma sempre accrescentava com a mais ingenua sinceridade: «E será peccado o que penso, e o que digo?» Eu respondia-lhe o que bem se póde imaginar...

«Este varão venerando demorou-se alguns dias no convento, e indo-se embora deixou-nos a todos cheios de respeito e saudade. Nunca mais o tornei a ver.»

Mais gasto das fadigas que dos annos, de compleição naturalmente debil, e enfraquecida por complicadas enfermidades, sentia aproximar-se-lhe o fim, com inteira e resignada submissão aos decretos divinos. As forças physicas escasseavam de dia para dia, porém o espirito nada perdia do seu vigor e energia. Além de outras molestias, padecia frequentes ataques asthmaticos, que se amiudavam cada vez mais e com maior intensidade. Comtudo, só se entregou á cama

[1] Possuimos entre os nossos manuscriptos uma cópia da *Quixotada*, que é um aggregado de cincoenta e quatro decimas octo-syllabas, em que se propalam contra o virtuoso prelado as mais atrozes calumnias.

[2] Vid. a *Oração funebre, recitada nas solemnes exequias do exc. e rev. sr. D. Fr. Caetano Brandão, etc., celebradas na cathedral de Braga*, por D. Luiz Antonio Carlos Furtado de Mendonça. Lisboa, na impressão regia, 1806, in 4.º de 26 pag. Bello e completo elogio das virtudes do finado.

[3] Situado nas margens do Lima, e pertencente aos extinctos conegos regrantes de Santo Agostinho.

nos ultimos tres dias da sua vida. Ainda em 13 de dezembro de 1805 assistiu por algum tempo aos exames dos ordinandos, que por inalteravel costume se faziam em sua presença; teve, porém, de recolher-se, gravemente incommodado. Sentia ser chegada a sua ultima hora. Recebeu no dia seguinte em publico o Sagrado Viatico, que lhe foi administrado pelo deão, com acompanhamento de todo o corpo capitular. Entrou pouco depois em agonia, e recebidos com inalteravel paciencia e resignação os derradeiros soccorros espirituaes, expirou placidamente pelas duas horas da tarde do dia 15, contando sessenta e cinco annos e alguns mezes de edade.

A noticia da sua morte causou universal sentimento e consternação em toda a cidade: corriam lagrimas pelas faces de todos, e mui principalmente pelas dos desvalidos, que tantos annos n'elle acharam um pae amoroso, e o mais desvelado protector.

O que até então fôra no paço episcopal habitação de um simples e modesto religioso, converteu-se para logo em theatro de pompas funebres com a maior magnificencia. Ficou exposto o cadaver á veneração publica durante tres dias, findos os quaes se fizeram as exequias solemnes, que sobrelevaram em sumptuosidade e luzimento ás que haviam sido celebradas por obito de seus dois immediatos antecessores. Não eram esses, por certo, os desejos e intenção do piedoso finado, que inimigo, como sabemos, do fasto e de todas as vaidades mundanas, recommendava e pedia com instancia no seu testamento «ao reverendo cabido quizesse antes applicar em missas e em esmolas qualquer despeza que poderia consumir-se em decorações excessivas, das quaes ordinariamente (dizia) nem aos vivos nem aos mortos resulta alguma vantagem solida.»

Terminadas as honras funebres, foi seu corpo encerrado em sepultura raza, no pavimento da capella-mór da mesma egreja. A alma voaria sem duvida ao seio do Eterno, para receber a recompensa que suas virtudes mereciam. Logo depois do fallecimento, o povo bracharense, agradecido á memoria de tão insigne bemfeitor, começou a concorrer á sua sepultura, para ahi implorar o remedio das proprias necessidades. Generalisou-se a piedosa crença, e a cada passo se ouviam contar prodigios dos que se diziam favorecidos em suas supplicas, sendo mister que a auctoridade interviesse para moderar ou reprimir esta devoção indiscreta. Porém isso não obstou a que muitas pessoas continuassem a venerar com culto particular os seus retratos, como se veneram os dos santos; e um que estava, e ainda provavelmente estará collocado no hospital de S. Marcos (estabelecimento que em vida lhe devêra especial protecção), foi muitos annos frequentado pelos fieis, e por elles rodeado de votos e offertas de cêra, como insignias de milagres. Mas á parte o que n'isso possa haver de excesso reprehensivel aos olhos da philosophia, é certo que se o nome de D. Fr. Caetano Brandão não foi pela egreja incluido no catalogo dos santos, nem por isso a sua memoria deixará de ser para sempre cara a todos os amigos da humanidade.

Innocencio Francisco da Silva.

CARTAS A UMA SENHORA

AURORAS BOREAES E AUSTRAES

I

Minha senhora—Conta-se do capitão Ross, que, voltando de uma viagem de exploração das regiões arcticas, em demanda da celebre passagem polar que communicasse a Europa com a America, trouxera dois esquimós, de entre os muitos que víra e admirára n'aquellas paragens gelidas e desoladas.

São os esquimós, como v. exc. sabe, umas tribus de selvagens quasi anões, verdadeiros liliputianos, que vivem ou vegetam cada anno, seis mezes no gêlo e nas trevas, e outros seis na luz e nas aguas.

Vida singular e medonha é essa para o europeu afeito ás sumptuosidades e esplendores da arte e da natureza!

Os esquimós são uns precítos, que andam sempre cercados dos maiores horrores.

Nas regiões polares tudo é extravagante e horrivel; tudo apresenta uma feição lugubre. A propria terra parece envolver-se em um sudario de neve, e adormece enregelada para acordar aos raios do sol, brazeiro implacavel que a aquece com raios amarellos e funebres.

Reina alli o silencio dos tumulos; a monotonia e a uniformidade como que apertam e angustiam a natureza. No inverno, a alvura da neve, que se estende ao longe, até ás raias extremas do horisonte; no verão o verdejar da selva, que cresce por encanto, e cobre os campos alagados de agua. O arvoredo é raso e enfesado; apenas algumas bétulas confundem as ramas com os abetos rachiticos.

As geleiras caminham e precipitam-se ao mar; as torrentes entumecem-se com o brilhar do sol, e despenhando-se furiosas, acordam os echos da solidão, com o fragor das aguas, que carreiam montes de neve.

O acordar do Oceano é grandioso; as ondas, presas pelo frio, alçam de novo o dorso, sobre o qual se formam vastas ilhas de gêlo, que logo se desfazem e mudam de posição, tomando formas phantasticas e ephemeras. Tal é, muito ao de leve, o quadro das paragens malditas que demoram junto do circulo polar; taes são as regiões onde vivem os miseros esquimós, em desterro perpetuo. E de feito, que outro nome merece aquelle vida, tão cheia de trabalhos e desgraças? Pois será viver um invernar de seis mezes, que tantos são os que os esquimós passam soterrados na neve? E depois, quando a natureza acorda, a vida é ainda uma lucta afanosa. É necessario aproveitar o tempo; é necessario accumular, encelleirar, diremos nós, para não morrer de fome durante o inverno; a abastança é desconhecida do polo.

Pois, apesar de tanta miseria e pobreza, o esquimó adora a sua terra, ou, antes, o seu gêlo natal. Tem tanto aferro á choça em que *viu o dia*, como qualquer de nós ao tecto paterno que nos abrigou durante a infancia. O amor da patria é innato no homem, qualquer que seja a latitude em que vive.

E senão, sirva de exemplo a anecdota que eu ia contar no principio d'esta historia, e que de certo já houvera contado se não fosse tão atreito a divagar... mesmo no polo arctico.

Dizia eu, pois, que o capitão Ross trouxera a Londres dois esquimós, lá das regiões da neve eterna.

Um d'elles, mal chegou á grande capital de Inglaterra, morreu logo de nostalgia, que não havia magnificencias nem altezas de luxo e civilisação que lograssem

cevar saudades da distante patria.

O outro, acaso menos lembrado, foi-se acostumando a pouco e pouco; mas, passado que foi o primeiro espanto, serenada a mente e a alma, começaram logo a fallar mais alto as recordações do berço, e bem podia elle dizer como Bernardes, que chorava

.... captivo
Onde chôro não val, ou amor se estima.

Aos que tentavam consolal-o, pondo em parallelo os esplendores de Londres com as trevas do polo, acudia elle:

— Tudo isso é verdade, mas dae-me em troca as nossas auroras boreaes, que não tem senão.

O que é, pois, uma aurora boreal, que phenomeno é este, contra o qual em vão se conjuram as magnificencias do homem?

Esse o fim unico d'esta carta, que dirijo respeitosamente a v. exc.

Oxalá possa descrever-lhe com verdade e singeleza um dos espectaculos mais brilhantes que se conhecem.

II

Na velha Scandinavia o viajante encontra a cada passo recordações mais ou menos poeticas das auroras boreaes.

No *Edola*, n'esse livro mythologico dos ritos e crenças scandinavas, ha imagens lindissimas e allusões admiraveis ás auroras. Assim, por exemplo, no capitulo em que se descreve a morte do deus *Balder* (symbolo da virtude e da candura), por seu irmão *Hother*, cego de nascença, reza assim a lenda:

«Balder morreu, e logo a aurora se dissipou, em signal de lucto [1].»

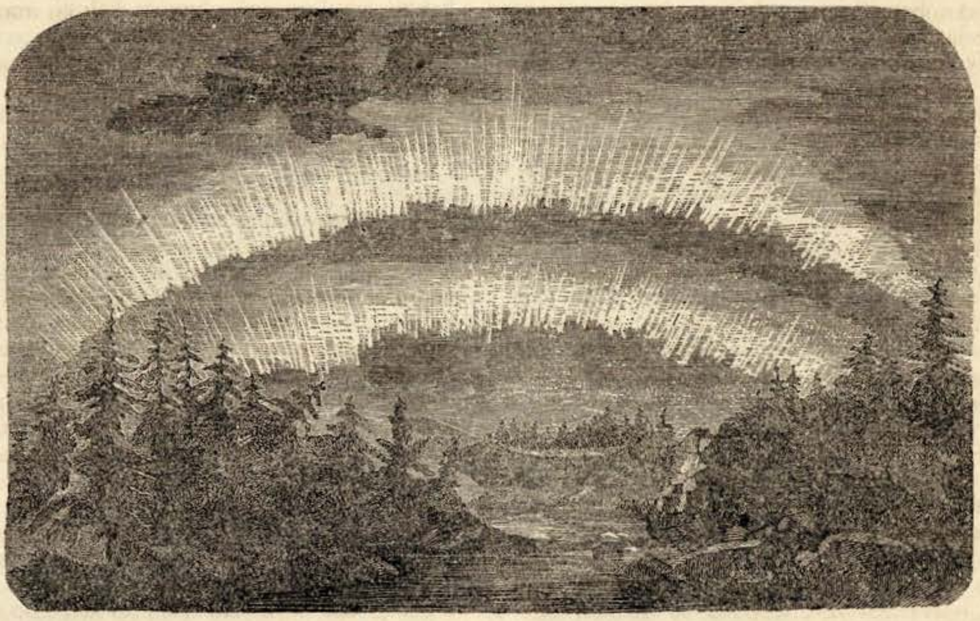
Na lenda cosmogonica *Voluspa ou a prophecia de Vola* [2], em que se pinta a destruição dos mundos, imagina-se *Odin*, o guerreiro-creador, envolto em chammas, que não queimavam como os *raios da aurora que dissipa as trevas da noite*.

Os primitivos bardos viam no phenomeno luminoso a imagem dos combates de *Walhalla*, e umas vezes cuidavam ver *Thor*, o deus do raio, outras o poderoso *Odin* contemplando as creaturas, sua obra.

Mas nem só no norte eram as auroras boreaes conhecidas ha muito; pois nos livros mais antigos vemos que os homens sempre conheceram este phenomeno meteorico.

Aristoteles descreve o clarão polar, como ainda hoje se avista nas costas do Mediterraneo, e principalmente nas fronteiras da Macedonia.

Compára elle a aurora boreal, já a uma chamma envolta em fumo, já á luz de lampadario suspenso no ar, já ao clarão de seara incendiada em noite de ju-



Aurora boreal

lho, quando o vento sopra rijo e as labaredas erguem o dorso igneo, como as ondas de um mar de fogo. O segmento obscuro, que apparece nos derradeiros paroxismos do phenomeno, é chamado por Seneca barathro profundo e negro, que communica a mansão da luz com a mansão das trevas; os raios córados que dividem e matizam o segmento são tições accesos, brandões inflammados [1]. O philosopho grego denomina o arco luminoso que circunda o segmento, trave ardente, adunca, e curva.

Plinio, o naturalista, que foi um dos philosophos mais imaginosos e menos verdadeiros de quantos a antiguidade nos deixou memoria, sobrepuja Aristoteles no empolado das descripções e no exaggêro das imagens. Affirma elle, com inaudito desplante e ousadia incomparavel, que retumbam nos ceos o fragor das armas e o som estridulo das trombetas e cimbalos guerreiros quando surge no polo a apparição ignea. Plinio imagina combates aereos, imprecações de raiva, arrancos de morte, e todos os horrores de mal-ferida peleja. E de tal sorte se enraizou em animos credulos este erro, que, ainda nos nossos dias, ha quem oiça uns soídos surdos que resultam do embate das ondas de fogo, e que são apenas estalidos electricos, como veremos.

Diz Humboldt com muita graça, que os homens só conheceram que a aurora é muda quando quizeram em vão comprehender o que ella dizia.

Seneca tratou a questão com a sua costumada perspicacia, e com o vigor de estilo, que ainda hoje é inimitavel. Não encobrindo a ignorancia com o véo de absurdas hypotheses, recommenda ás gerações vindoiras, acaso mais adiantadas, o estudo do phenomeno, que é produzido por forças ignotas, cuja natureza e modo de acção desconhece completamente.

Melhor avisado do que o stagyrita, mais sabio do que Plinio, o romano Seneca não se embrenhou no dédalo de hypotheses e theorias.

Passaram quinze seculos de ignorancia e desleixo,

[1] Segundo Œlenschlæger, o maior poeta da Scandinavia, ha uma lenda popular a respeito d'estes raios luminosos. Conta a tradição, que as *Valkyries*, ou feiticeiras, vem tripudiar na escuridade, brandindo nas garras os seus fachos de guerra, e ululando um canto de morte. É notavel esta identidade de imagens entre o philosopho grego e os aborigenas do septentrião.

[1] Balder morreu em um banquete dado pelos deuses, os quaes, ou partidarios do bem ou do mal, são mortaes.

[2] *Vola* é o nome das prophetizas que tiravam horóscopos, liam nos astros, e ás vezes tinham pacto com *Fenris*, ou principio destruidor.

durante os quaes não só foram esquecidos os justos dictames da victima de Nero, mas tambem, o que é mais lastimoso, completamente falseados e deturpados.

Assim que, se até ao maior esplendor da eschola romana a sciencia fôra muda a respeito da origem das auroras, não caíra, ao menos, em desvairamentos e torpezas de razão.

Desde o seculo IV, porém, a philosophia transformou-se em negro fanatismo; imperavam a obcecação, a torpeza e a ignavia; a intelligencia sumia-se no immenso vortice que tragou o imperio, até que a edade média, esse periodo de maravilhosas incubações, veiu abarcar a humanidade, lançando-a em somno reparador.

Durante a noite moral da meia edade, a natureza foi fertil em toda a casta de phenomenos, como se pretendesse saudar com os seus esplendores e maravilhas o brilhante acordar do genio moderno.

Esse periodo de magias e altezas, esse periodo em que a poesia e o culto do bello e da belleza se ligavam com a mais torva barbarie e a ignorancia mais cabal, deixou-nos descripções lindissimas de auroras boreaes. As metaphoras mais arrojadas, as imagens mais felizes, brotavam espontaneas da penna do monge, que vivia uma vida cheia de penitencias e flagicios nas grutas do deserto e nos desvios da floresta, ou dos labios do menestrel galanteador, que ia buscar á natureza conceitos para a sua *gaia sciencia*.

Outras vezes as auroras eram prenuncios celestes ou augurios fatidicos, que exprimiam os sentimentos de Deus.

Isidoro de Sevilha deixou-nos a narrativa da magnifica aurora que commemorou a invasão dos hunos. O piedoso philosopho attribuia os horrores das guerras, que talavam os campos e trucidavam os homens, ás chammas celestes que requeimavam os plainos do firmamento, e tragavam os anjos decaídos.

Fôra mui longo circumstanciar todos os successos, aos quaes, durante a meia edade, andavam ligadas, na imaginação dos homens, as auroras boreaes. Conforme eu disse nas minhas precedentes cartas sobre os cometas, os homens viam em todos os phenomenos da natureza, já a expressão das suas paixões, já os avisos da Divindade e a influencia das potencias celestiaes. O fanatismo explorava a ignorancia.

(Continua) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

HISTORIA DE UMA MEDALHA PORTUGUEZA [1]

I

D. Pedro IV — abra-se este pequeno conto com este grande nome — quiz um dia celebrar a ilha Terceira, chamando-lhe baluarte inexpugnavel da liberdade portugueza.

Disse bem o grande soldado.

E fez mais. Aos fóros de cidade, e *de muito nobre e sempre leal*, com que o senhor D. João III e outros soberanos houveram por bem galardoar os muitos serviços da villa de Angra, ajuntou o imperador o titulo — *De Heroismo*.

Favores de principes de que ella muito blasona e se gloria.

Com razão: não porque muito valham de per si, mas pelos meritos que aos povos reconhecem, quando sellados pela sua consciencia.

«Os reis dão premios, não dão merecimentos» escreveu Jacintho Freire na *Vida de D. João de Castro*.

Os quadros historicos da Terceira podem resumir-se em poucas linhas.

[1] Ignoro em qual dos annos 1855, 56 e 57, se passou o facto relatado n'este conto. Creio que foi por esse tempo, e não me engano talvez.

Viram os nossos antepassados, em 1439, aportar uma caravela onde Vasco da Gama, na volta da sua viagem á India, trazia Paulo, seu irmão, alquebrado pelas fadigas de longas viagens, e tão enfermo quanto depois nobilitado perante a posteridade.

E quando ainda os contristados habitantes recordavam as scenas do enterramento no convento dos franciscanos, e o ultimo abraço d'aquelles irmãos, que se esculpiram na historia, não em bronze, que os seculos apagam, mas em feitos que os homens se legam, uma vela aventureira desapparecia no pégo dos mares arrebatada pelo vento, como a folha sêcca dos valles. Um homem, encostado á amurada, fitava os olhos razos de agua na terra que lhe devorára o irmão.

Era Vasco.

E d'ahi, sómente despertaram d'aquella angustia para ouvirem uma grande voz. Era o padre Antonio Vieira, que, á volta das suas peregrinações, subíra ao pulpito da cathedral, em 1654. Com os olhos no céo e o evangelho na mão, ensinava aos homens a vida de Christo: «Vim para servir e não para ser servido.»

Depois...

Passados quinze annos, no declive de uma montanha aprumada sobre o mar, um principe *sem reino, sem mulher, sem liberdade* [1], soffria com resignação de martyr uma longa expiação, terminada alfim no palacio de Cintra. Chamava-se elle D. Affonso VI.

Censure-se,

Que um fraco rei faz fraca a forte gente,

mas respeite-se o infortunio, que tem sua magestade tambem.

E nós, homens de hoje, vimos, ha trinta e quatro annos, nos vastos areaes da Praia [2], plantar, crescer, florir uma arvore immensa, que, bracejando de lá os seus ramos vigorosos, reflloridos depois pela atmosphera do Douro, nos abriga a todos agora — a liberdade... mãe carinhosa, que até a ingratos quer!

E depois, no pendor d'aquelles rochedos, Garrett suspirando como os desterrados de Sião...

II

Foi lá, n'uma pequena villa, que se passou a historia que vamos referir.

— O Senhor da Misericordia me livre de más tentações! — dizia Genovinha, a namorada de Antonio, moço da aldeia, sempre que da sua janella via passar a cavallo, com os perdigueiros atraz, o fidalgo que a requestava.

— Pobre Genovinha! Ainda tão nova, que lembrança foi a tua de amar? — perguntava o prior da freguezia, homem de trinta annos, alma simples, que sabia tanto como eu do coração humano.

— Eu sei lá o que isto foi, senhor padre! — respondia a innocente com os olhos baixos, alisando os cabellos de uma criança que andava brincando no adro onde ella estava, e vinha a espaços, na volta da corrida, poisar a cabecinha loira entre as formosas mãos de sua irmã.

Ai, Genovinha da minha alma! Pois tu estavas ao pé de um padre na solidão de um adro?! E o padre é de tão poucos annos, e tu...

E tu eras tão bonita e elle era tão novo!

[1] É um verso da sextilha seguinte, cujo auctor se ignora quem foi (vid. J. B. de Castro).

TESTAMENTO DE D. AFFONSO VI

Eu fuy livre, fuy rey, e fuy marido,
Sem reyno, sem mulher, sem liberdade,
Tanto importa não ser como haver sido:
A Portugal só deixo esta verdade,
A meu irmão só deixo este memento,
Este é de Affonso Sexto o testamento.

[2] A villa da Praia da Victoria.

Tu sempre tens uns olhos! e elle sempre tem umas mãos... mãos de padre!

— Tontinha! tontinha! — dizia o padre prior. Que ha de ser de ti, se não tomares os meus conselhos?

— Ai, senhor padre! senhor padre! Eu já nem sei o' que ha de ser de mim! Não sei se lhe quero, se não.. Parece-me que não é muito. Elle não passa nem dia, nem hora, que me não venha ver. É uma roda viva n'aquelle pobre cavallo!

— Com que então, vem todos os dias ver-te?

— Sim, senhor. E quer que lhe diga um segredo?

— Dize, filha, dize.

— E... e vem todas as noites.

— Todas as noites... oh!...

— Mas não é por mal, não é, acredite que não é. Nunca me tocou, Deus louvado, senão ás vezes nas mãos. E d'ahi começa a fallar... falla muito, senhor padre! Eu ponho-me a olhar para elle, e depois elle... vae-se embora.

— Mais nada, Genovinha?

— Pois que mais havia de ser?

— Vê tu lá bem o que dizes!

— Só se fosse...

— O quê?... Vamos a ver.

— Dar-me um dia esta cruzinha...

E tirou do seio trémulo um pequeno crucifixo de oiro.

Iam-se já com a noite fechando as flores. No ceó começavam as estrellas a tremeluzir. No ar redemoinhavam muitas aves aquaticas. Na praia o rapazio da villa brincava com as ondas e com as conchinhas do mar.

Pelos valles rolavam ainda as ultimas badaladas das Ave-Marias.

III

E assim passaram tres mezes.

Genovinha, interrogada, dizia sempre o mesmo, e a innocencia infantil com que o fazia confirmava a verdade, sua amiga, boa e leal a mais não ser.

Dizia-se, porém, que o fidalgo se enfadára, que Genovinha fingia, ou se enfadára tambem. Finalmente, que se tinha apagado a chamma pura d'aquelle amor.

E affirmavam as bisbilhoteiras e as comadres impertinentes que partira do morgado a iniciativa. Foi sempre assim a arraia miuda. Invejosa de quem quer elevar-se, allia-se ao forte para esmagar o fraco.

Pelos modos, Genovinha, diziam ellas, estava mesmo a perguntar-lhe para que elle a queria, senão quando — foi pelo S. João que o caso succedeu — o fidalgo, que estava no campo, perto d'alli, voltou para a cidade, levando comsigo as prendas que offertára a Genovinha, e por lá se ficára.

Perguntado o prior, respondia:

«Cuidae da vossa vida, irmãos, e meditae na vigilancia providencial. O pão nosso de cada dia, que Deus dá aos peccadores, por sua misericordia, não se rejeita inquirindo as fraquezas do proximo, mas agradece-se bemdizendo o seu nome nas boas obras, e cantando os seus louvores nas alegrias do coração.»

E tudo ficou em mysterio.

O dia amanhecêra fusco, e promettia ser longo como alguns dos precedentes, ermos de affectos, mas cheios de paz.

E, todavia, Genovinha era feliz — quem o não é com a pureza da consciencia? — No contentamento que sentiam seus paes como que adivinhavam pezares. Sorriam-se vendo a filha tão galante; sorriam-se aformoseando mais o coração com a adoravel innocencia d'aquella criancinha do adro, que, a um canto da casa, encostada a uma velha arca da cedro, brincava com um gato.

Tinha dado meio dia. Os dois esposos estavam ambos em casa. E vae o primeiro e disse:

— Ouve cá, mulher. Sabes que mais? Os rapazes compozeram-se. O Antonio é capaz; bem m'o dizia o pae, e mais o nosso vigario, que tanta vez prégа'ao povo: *O bom filho á casa torna*... E é verdade, é. Mas, verdade ou mentira, elles accommodaram-se.

— Olha o milagre!

— Pois já o sabias?!

— Ha que tempo, louvado seja Deus!

— Leve o diacho as mulheres, que tudo sabem, ou o demo lh'o diz!

— Credo! Mãe Santissima! a Senhora do Amparo me valha!

— Não te enfades, mulher. E deixa lá os santos que estão muito bem no ceo... O caso é que elles accommodaram-se, e lá estão amigos como d'antes. E bem o podiam estar sempre, como o outro que diz... agora não me lembra o quê.

— Melhor fôra, melhor fôra...

— Mas em fim, lá o pae do fidalgo andou mais eu nas milicias, e como isto de folganças e galhofas é coisa que não põe nem tira...

— Isso dil-o tu; mas o mundo pega logo a bradar, e ninguem se veja na boca do mundo.

— Tal qual. Mas ainda ninguem se atreveu a dizer nada.

— Bemdito seja Deus! — concluiu seraphicamente a estremecida consorte.

IV

Pouco depois Genovinha dizia para Antonio:

— Meu pae já sabe que estamos amigos outra vez, e está muito contente.

— Quem t'o disse, embusteira?

— Olha!... a chamar-me embusteira! Cuida talvez que é mentira?!

— Mentira, não digo... has de perdoar, titubeou Antonio, muito encolhido, a fazer circulos no chão com o seu cacete. Foi graça tua, vinha eu a dizer: porque... tu bem n'o sabes... sempre és engraçada a desbancar!

— Engraçada? eu?

E riram ambos de vez.

— Ora, anda lá: vamos ao caso.

— Pois vamos. Mas olha que é segredo. Quem m'o disse foi minha mãe. Ainda não acreditas?

— Está bom, está bom. Agora basta.

— E não dizeis mais nada!

— Eu que hei de fazer? Ora, ora...

— Alegra-te! Dá cá um abraço, Antonio!

E no abraço exclamou:

— Sempre és bem envergonhado!

— Não sou atrevido, não...

— Pois é isso o que se quer, e guarde-vos Deus das tentações do inimigo, accrescentou o padre prior, que alli appareceu como por milagre. E cingiu-os a ambos com o immenso affecto da sua alma. Elles sorriam e o padre tambem.

Era um bello grupo!

V

Na manhã do dia seguinte sentiu-se na villa o tropear de um cavallo. O cavalleiro apeou-se á porta de Genovinha, que o veiu receber com seus paes. Era o morgado que voltava, talvez como o bom filho.

Eu conheci este sujeito. Fallava bem o francez, jogava melhor as armas, doidejava nas walsas como poucos, raros se lhe atreviam á competencia, e ainda menos se lhe avantajavam nos graciosos requebros do corpo, e não só do corpo, da alma tambem. Da alma... quero dizer: palavriado, estilo, metaphoras enamoradas, vecejante phrase de romance em fim. Mas a sua mania principal, a sua occupação predilecta, era escrever n'um grande album que tinha, e mais particularmente nos albuns alheios.

Annos ha, que tendo eu o seu album em minhas profanissimas mãos, lá encontrei estas linhas, corrompidas pelo influxo magnetico dos taes requebros espirituaes, mas distilladas do coração por este alambique magico e magno, chamado — pena. Perdôe-se-me a alliteração, que não sei se é justa.

Dizia assim o album:

....

XV

«Ás vezes deixava eu a triste solidão da minha casa de campo, e vinha passar a noite nas salas onde me recebiam, como todos os que sabem com elegancia cingir nas danças uma mulher formosa; e que, para não sentirem o tedio das horas, montam a cavallo com o garbo de um cossaco, e correm um dia inteiro na pista de uma lebre; finalmente, como todos os que ao jogo, devorados pelas harpias da ambição, desperdiçam n'um quarto de hora a subsistencia de uma familia pobre.

«Os homens acolhiam-me com o sorriso que não dá compaixão, mas reflecte o pensamento de que vos julgam meio alienado. Comprimentavam-me as mulheres com a virtuosa reserva de quem receia manchar-se fitando o homem que *não sabe guardar o seu logar*, amando uma camponeza descalça, filha de miseraveis. Os rapazes.... oh! esses perguntavam, aspirando a graciosos em allegorias, se o zangão montanhez haurira já o mel da flor agreste.

«Eu ouvia todas as perguntas com affabilidade; respondia com muito agrado a tudo, e, á volta, colligia as minhas diversas observações.

«No meio d'estes grupos trajados de setim, recamados de oiro, mas roídos pelos vermes das conveniencias hypocritas, só tu avultavas, Genovinha, erguida acima d'elles. Eras como a luz que jorra do alto sobre um cemiterio. Porque era a luz do teu coração que me tinha desvendado quando eu os conheci, áquelles cadaveres! Dorme n'elles o torpor dos paralyticos, a frieza do marmore, a immobilidade da estatua!

....

XX

«Depois vieram todos os demonios das paixões ruins, e entraram-me no coração immaculado, como serpentes venenosas em matta virgem, ás horas em que o sol escalda, e apenas se ouve nos prados o zumbir monotono do moscardo e a voz estridula da cigarra.

«Idylios entre as messes, amores de aldeia, devaneios no adro de um presbyterio... ingratos! Dei-vos o viço todo d'esta existencia, toda a opulenta seiva d'estes annos, e agora, em paga, sinto embrandecer, extinguir-se quasi de todo a vontade — que eu já não tenho vontade sequer, nem energia, nem nada!... D'onde vem senão de vós este lento amollecer e quebrantar de todas as faculdades?...

«E, todavia, acreditei na ventura d'aquelles sonhos.

«Amar uma aldeã, uma filha ingenua do campo e da pobreza... oh! quanto isso deve ser bello e amoroso como os gorgeios da ave! e consolador para dois corações singelos, como a folhagem dos alamos que nos ha de abrigar em candidas confidencias!

«Mais um sonho de que acordei febril! Mais uma flor de alma que emmurcheceu e se finou, deixando a semente d'esta ancia ardente — esta voragem interior em que a minha alma irresoluta se debruça e estremece, mas onde se ha de arrojar alfim!... que lá...

«Lá está a salvação!

....

XXX

«Que sinto e ambiciono eu agora? Eu quero os esplendidos triumphos das virtudes havidas pelos homens como firmes e inabalaveis! De rastos a meus pés, curvada á força vehemente da minha vontade, quero-lhes dizer de frente: «Não sois mais que um nome!»

«Então a mulher nobilitada por este amor, engrandecida pelos affectos da minha alma, me ha de bemdizer e amar!

«E todos, vendo-me perpassar entre elles, fatal como o raio devastador, dirão em sua consciencia humilde: «Lá vae o homem forte!»

«Mas então... quem sabe?... talvez que eu diga: Ai! que é da minha alma, Senhor! Déste-me uma alma que parecia rociada pelos balsamos da bemaventurança, bafejada pelas exhalações do teu ceo e pelas musicas dos teus anjos...

«E tiras-m'a, Senhor!»

E digam que morgados difficilmente escrevem uma carta, e o mais que fazem é uma quitação pelo rascunho do avô!...

Mirem-se n'este espelho!

VI

Quando o nosso amigo e sr. morgado saía d'aquella casa, saía tambem a calumnia do seu antro negro, protestando contra um contrato, por ella inventado, infame e vil como ella.

Derramou-se immediatamente por toda a villa aquella voz.

Ao outro dia, pela manhã cedo, partiu o namorado Antonio, cheio de pezares, com firme tenção de se embarcar para o Brasil.

Houve logo, como ha sempre, quem o fosse dizer a Genovinha. Ella ouviu tudo, não chorou, não respondeu nada — empallideceu.

Que horas amarguradas as d'aquelle dia!

A' tarde foi ella sentar-se n'um rochedo empinado sobre o mar. As lagrimas, até então retidas, caíam-lhe ás bagas pelas faces descóradas. Sentiu alliviar-se-lhe o peito opprimido com tanta crueldade. Scismou em si, scismou na vida, scismou na bemaventurança, recompoz o seu paraiso perdido, e viu este mundo por um véo de lagrimas.

Mas, a pouco e pouco, foi-se de todo aquelle passageiro allivio.

Então é que ella ambicionou a morte com a torvação das almas nobres, que, na sua muita dor, se crêem feridas para sempre. E o abysmo attrahia-a com a consolação da eterna paz do tumulo... Por fim, arrojou-se ao mar.

Aconteceu que, andando por alli proximo uma mulher apanhando mariscos, e sentindo o rumor das aguas que se abriram para receber aquelle corpo gentil, percebeu, ainda nos ares, a ultima ondulação do seu vestido, e, de um jacto, afundou-se tambem.

Conseguiu ainda roubar a infeliz á furia das ondas, com que ella, mulher destemida e intrepida, arcára tanta vez.

D'entre a chusma do povo que se apinhára na praia, prorompeu a voz do desventurado pae, bradando:

— Morta ou viva?

E nem uma voz lhe respondeu!

(Continua) ALBERTO TELLES.

THEMAS CLASSICOS

Agathocles, por seu valoroso animo e grande prudencia, veiu a ser rei da Sicilia, com ser filho de um oleiro; do que elle tanto se lembrava vendo-se no throno, que mandava que nos convites e banquetes, entre os vasos de oiro e prata, o servissem com outros de barro.

A. FERREIRA DE VERA.